

BUENO, A. de S.; ESPÍRITO SANTO, C. N. B. ELiS: para além da codificação e decodificação dos sinais. **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, v. 3, n. 1, jan.-jun., 2018.

## ELiS

Para além da codificação e decodificação dos sinais<sup>(\*)1(\*\*)</sup>

Áurea de Santana BUENO<sup>2</sup> (UFMT)

Cristiane Nunes Boabaid ESPÍRITO SANTO<sup>3</sup> (UFMT)

**RESUMO:** A fala recorrente entre estudantes e educadores, da educação básica ao ensino superior, refere-se as dificuldades de aprendizagem ocasionadas pelas lacunas deixadas ao longo da trajetória escolar/acadêmica, em especial, dos visuais<sup>4</sup> (surdos). Estes têm seus direitos de aprendizagem não atendidos em razão de serem alfabetizados em uma segunda língua, Língua Portuguesa, antes mesmo de se desenvolverem na primeira língua - LIBRAS. Assim, o presente texto apresenta aspectos teóricos a respeito do ensino-aprendizagem da Escrita de Língua de Sinais (ELS), tem por objetivo fomentar discussões sobre a temática da ELS e ressaltar importância dessa escrita no processo de alfabetização dos visuais de modo que promova o seu desenvolvimento na integralidade e não de forma facetada como vem acontecendo. Para tanto, apresenta-se o Sistema Brasileiro de Escrita de Sinais - ELiS, criado por Mariângela Estelita de Barros (2008), por ser esse o sistema de escrita adotado pela Universidade Federal de Mato Grosso. Busca-se esclarecer que a alfabetização na língua de sinais deve contemplar as duas modalidades – leitura e escrita, assim como ocorre na língua oralizada. Trata-se de um estudo bibliográfico no qual apresenta-se o conceito de alfabetização na perspectiva sócio-interacionista com base em Soares (2010), no entendimento de que um sujeito autônomo é aquele que pode transitar entre o mundo da leitura e da escrita, que a sociedade é grafocêntrica na sua essência e que alfabetizar vai além da simples habilidade de codificação (escrita) e decodificação (leitura), pois considera-se alfabetizado aquele que além de dominar tais habilidades compreende a função social da mesma. Na língua de sinais, por sua vez, o conceito de alfabetização não muda, dessa forma, não consiste em apenas transformar sinais em visogramas (codificar) e visogramas em sinais (decodificar). Com esta reflexão pretendemos

(\*) Artigo produzido de comunicação oral apresentada no I ENFOTILS/UFMT.

(\*\*) Artigo produzido sob a orientação do professor doutorando Cláudio Alves Benassi. Coordenação de Ensino de  
<sup>2</sup> aureadesantanabueno@gmail.com

<sup>3</sup> crisnboa@gmail.com

<sup>4</sup> Termo proposto por Duarte (2016) em substituição ao termo surdo. Este, segundo o autor, vem historicamente carregado de estigmas que marcam a deficiência do sujeito, ao contrário, o termo visual é o mais apropriado porque o caracteriza pela sua potencialidade de aquisição linguística.





ressaltar a importância da aquisição da escrita de sinais, uma vez que contribui como potencializadora da construção de sentidos, assim como contribuir para a área da educação especial e formação de professores para o ensino da LIBRAS não só para visuais, mas principalmente para eles, visto que esse conhecimento representa a constituição da sua identidade e autonomia como sujeito da própria história.

**PALAVRAS-CHAVES:** Alfabetização dos visuais. ELS. Aquisição da escrita.

## 1. INTRODUÇÃO

A dificuldade de aprendizagem ao longo de todos os níveis de ensino é assunto inesgotável entre estudantes e educadores, essa deve-se às deficiências no processo de ensino, em especial, dos visuais. Estes têm seu direito de aprendizagem negligenciado ao serem alfabetizados em uma segunda língua, Língua Portuguesa (LP), antes mesmo de se desenvolverem na primeira língua - LIBRAS.

Assim, o presente texto apresenta aspectos teóricos a respeito do ensino-aprendizagem da ELS com o objetivo de fomentar discussões sobre essa temática e ressaltar a importância dessa escrita no processo de alfabetização dos estudantes visuais, uma vez que a escrita potencializa a construção de sentidos na compreensão de mundo. Diversos estudos e pesquisas têm levantado a bandeira sobre a importância da ELS no processo de alfabetização desses sujeitos, no entendimento de que contribui para o seu desenvolvimento integral, haja vista a educação destes indivíduos vem acontecendo de forma facetada.

Apesar de haver três diferentes tipos de escrita de sinais difundidas aqui no Brasil, o foco deste trabalho vai para o Sistema Brasileiro de Escrita de Sinais - ELiS, criado por Mariângela Estelita de Barros, em 2008, por ser esse o sistema de escrita adotado pela Universidade Federal de Mato Grosso.

Conforme Soares (2010), entende-se que um sujeito autônomo é aquele que pode transitar entre o mundo da leitura e da escrita e que alfabetizar vai além da simples habilidade de codificação (escrita) e decodificação (leitura), já que se considera alfabetizado aquele que, além de dominar tais habilidades, compreende a função social da mesma.

Na língua de sinais, por sua vez, o conceito de alfabetização não é diferente, precisa contemplar as duas modalidades – leitura e escrita, assim como ocorre na LP. Dessa forma, não



consiste em apenas transformar sinais em visografemas (codificar) e visografemas em sinais (decodificar).



## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

Em seu aspecto metodológico trata-se de uma pesquisa qualitativa de base bibliográfica norteada por estudiosos e pesquisadores da área do ensino de línguas e sobre a temática pesquisada, ELS. Em Barros (2008; 2015) buscamos o conhecimento da estrutura da ELiS como representante das ES nesta pesquisa; recorremos a Barreto e Barreto (2012) os quais elencam uma infinidade de benefícios propiciados pela aquisição da Escrita de Sinais (ES); Benassi (2016) nos orienta que o processo de alfabetização em Língua de Sinais (LS) compreende de igual modo o aprendizado da modalidade articulada e escrita de modo que contribua para o desenvolvimento cognitivo dos visuais; em Soares (2010) fundamentamos o conceito de alfabetização na perspectiva do letramento, a qual concebe que o alfabetizado deve transitar entre o mundo da leitura e da escrita de forma consciente.

## 3. DISCUSSÕES E RESULTADOS

Se compararmos a importância da escrita para os falantes da língua oralizada avaliando também o quanto ela é necessária para as suas práticas cotidianas, isso já bastaria para afirmarmos que a ES é de igual modo importante para os usuários da LS. Nesse caminho de raciocínio, a afirmação de Quadros (1997) de que o sistema de escrita de sinais abre caminhos de oportunidades no processo de alfabetização das crianças visuais vem de encontro à nossa política de inclusão que sequer considera essa necessidade na educação dessas crianças.

Conforme Quadros (1997), a aquisição da LS por crianças visuais acontece de forma análoga a aquisição da língua oral por crianças ouvintes, mas adverte que é necessário que se compreenda por alfabetização o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita dos sinais para que o processo de aquisição da LS se concretize.

Segundo Barreto & Barreto (2000), a escrita “é o meio mais usado na comunicação, pois possibilita tanto o registro quanto a recuperação do conhecimento e da própria história” (p. 32). O





autor recorre a Stumpf (2005) a qual comprovou que a “ES ajuda a desenvolver a percepção do surdo quanto à língua de sinais de seu país” (BARRETO; BARRETO, p. 45).

Contudo, apesar das pesquisas apontarem para resultados tão positivos quanto esse apresentado por Stumpf, o aprendizado dessa escrita ainda não é uma realidade da educação de tais crianças.

### 3.1. ELiS: Sistema Brasileiro de Escrita de Sinais

Neste subtópico apresenta-se de forma concisa o Sistema Brasileiro de Escrita de Sinais - ELiS, um sistema de escrita próprio para grafar os sinais de qualquer língua, desenvolvido por Mariângela Estelita de Barros e defendido em sua tese, em 2008. Em 2015, consolidou essa escrita com o lançamento de seu livro “ELiS: sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais”. Neste, a proposta da escrita já se encontrava bem mais elaborada que a sua primeira versão na defesa do seu doutorado, em 2008.

A ELiS representa um grande avanço na educação dos surdos, pois possibilita o registro da LS de forma sistemática sem a mediação de outra língua. Além disso, ela possui uma característica que a assemelha ao sistema de escrita das línguas oralizadas, é alfabética e linear. Todavia, a autora a denomina de escrita visográfica por considerar a nomenclatura a que mais valoriza as especificidades da língua de sinais. Os símbolos/letras dessa grafia denomina-se visografemas. Estes são formas gráficas que representam elementos visuais.

Porém, nem todos os elementos visuais podem ser representados, pois seria inviável para qualquer sistema de escrita representar todos os elementos de uma língua, salienta a criadora da ELiS. Contudo, na ELiS os visografemas são organizados de forma que possibilita a escrita de qualquer sinal da LS. No quadro abaixo apresenta-se a distribuição dos 95 visografemas da ELiS em seus respectivos grupos e subgrupos.



Quadro 01 – Distribuição dos visografemas (95) de acordo com os grupos e subgrupos.

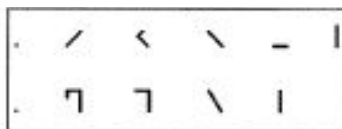
Grupos	Configuração de Dedos (CD)	Orientação da Palma (OP)	Ponto de Articulação (PA)	Movimento (M)
Quantidade	10	06	35	44
Subgrupos	5 – Polegar 4 – Demais dedos 1 – Comum entre os dois.	Não há subgrupo	15 – Cabeça 5 – Tronco 8 – Membros 7 – Mão	20 – Braço 12 – Dedos e punho 12 – Expressão não-manual (ENM)

Fonte: Barros (2015).

Conforme apresentado no quadro acima, existem apenas 10 visografemas de CD que combinados pode representar todas as CMs existente nas LS, as quais podem ultrapassar a casa da centena. As CDs são diferenciais desse sistema de escrita que usados junto aos diacríticos proporcionam maior precisão à escrita dos sinais.

A seguir as representações gráficas de cada visografema em seus respectivos grupos:

Visografemas de CD



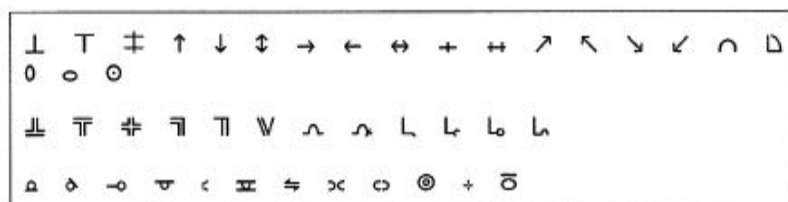
Visografemas de OP



Visografemas de PA



Visografemas de M





Visivelmente, é um número considerável de símbolos gráficos a serem memorizados, mas considerando que uma porção deles é bem sugestivo quanto ao seu significado, principalmente no grupo dos visografemas de M, acaba por simplificar o esforço da memorização.

Contudo, e apesar da existência desse e de vários outros sistemas de ES, o acesso a esse conhecimento ainda se encontra bastante limitado. Diversos fatores contribuem para essa limitação, tais como: escassez de pesquisa sobre a temática para difusão desse conhecimento; falta de formação na área; falta de profissionais habilitados para o ensino da ES; acesso restrito dos visuais à educação; ausência da disciplina de LS na grade curricular das escolas regulares e até mesmo, em consequência do desconhecimento, a rejeição dessa escrita pelos usuários da língua.

Outro agravante para esse quadro de limitação no aprendizado ELS acontece por conta do ensino de sinais desvinculado da escrita, ou seja, valoriza-se o aprendizado dos sinais em detrimento do registro/escrita, contribuindo para a fragilidade da língua.

### 3.2. A escrita de sinais e seus benefícios

Conforme já citado, é consenso entre vários autores/pesquisadores que a aquisição da escrita de sinais pelas crianças visuais em seu processo de alfabetização contribui para o aprimoramento do seu desenvolvimento cognitivo. Para além disso, Barreto; Barreto elencam uma infinidade de contribuições do aprendizado da escrita de sinais, das quais citaremos apenas quatro:

- ✓ permite ao surdo expressar-se livremente mostrando a fluência da língua de sinais, ao contrário da língua oral;
- ✓ aumenta o status da língua de sinais quando mostra que o surdo tem uma escrita própria;
- ✓ contribui com o desenvolvimento cognitivo dos surdos, estimulando sua criatividade, organizando seu pensamento e facilitando sua aprendizagem;
- ✓ preserva a língua de sinais, registrando a história, cultura e literatura surda, através de roteiros de teatros, poesias histórias, contos etc (2012, p. 49).

Enfim, esses autores afirmam que “não importa o tipo de projeto ou o nível do texto, a ES nos possibilita ler e escrever aquilo que quisermos”. Nesse caso, a questão que fica no ar é: O



que a Política Nacional de Educação Especial (PNEE) entende por inclusão das pessoas surdas, haja vista nem mencionam em seus postulados a existência da ES?

Ainda sobre a importância da ES, Finau pondera que a consequência da falta dela na educação dos usuários da LS é que eles são apenas escolarizados com foco na língua oral sem o mínimo de preocupação com o letramento desses sujeitos. Pois,

[...] ao se negar a existência dessa modalidade linguística, está se negando a possibilidade real de letramento dessas pessoas, uma vez que são impedidas de registrar, elaborar e reelaborar os acontecimentos vividos em suas comunidades a partir de sua identidade (2006, *apud* DALLAN 2013, p. 142).

Muitos são os autores que defendem o acesso dos visuais ao aprendizado da ES e ainda apontam inúmeros benefícios que esta aprendizagem constitui para o seu desenvolvimento não só linguístico, mas integral. Porém, não cabe neste texto uma discussão mais ampla com todos eles.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecemos junto aos nossos autores pesquisados a necessidade da inclusão dos visuais na perspectiva de uma alfabetização plena, primeiro em sua língua natural para depois serem inseridos na aprendizagem da segunda língua.

É consenso entre vários autores a afirmação de que para os visuais o aprendizado da ES é de extrema importância para o seu desenvolvimento em todos os sentidos. Todavia, ainda são inúmeras as barreiras enfrentadas para que essa prática se efetive na educação desses sujeitos. Entretanto, já é possível vislumbrar uma luz no fim do túnel, mediante o esforço individual, muitos têm somado forças nessa luta em prol da inclusão desse público. Sem dúvida, há um longo caminho a ser trilhado, da mesma forma que não há como negar o grande avanço no caminho já percorrido.

Dessa forma, após reflexão gerada pelos conhecimentos expostos neste trabalho esperamos contribuir para a área da educação especial e formação de professores para o ensino da LIBRAS, considerando a modalidade sinalizada e escrita, visto que esse conhecimento representa para os visuais a constituição da sua identidade e autonomia como sujeito da própria história.



## REFERÊNCIAS



BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de Sinais sem mistérios**. Belo Horizonte: Ed. Do autor, 2012.

BARROS, M. E. **ELiS – Escrita das Línguas de Sinais**: proposta teórica e verificação prática. 2008.199 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2008.

BARROS, M. E. Os visografemas. **ELiS**: sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 21-79.

BENASSI, C. A. Configuração manual e alfabeto manual de Machado e Benassi. A primeira monografia de pós-graduação lato senso do Brasil em ELiS. In.: **Revista Diálogos** (RevDia). v. II, n. I, 2014. 22-31.

BENASSI, C. A. Formação de docentes para o ensino de Escrita das Línguas de sinais (ELiS). In.: **Revista Falange Miúda** (ReFaMi), v. 1, n. 1, 2016.

DALLAN, M. S. S. Análise do Macrodiscurso: Qual é a escola bilíngue pensada pela Política Nacional de Educação Especial (PNEE) e pelos Estudos Surdos? **Análise discursiva dos estudos surdos em educação**: a questão da escrita de sinais / Maria Salomé Dallan. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013, p. 111-151.

DUARTE, A. S. **Metáforas Criativas**: processo de aprendizagem de ciências e escrita da língua portuguesa como segunda língua pelo estudante visual (surdo). Tese doutorado, REAMEC, 2016.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOARES, M. Letramento em texto didático: O que é Letramento e Alfabetização. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 29-60.

Sobre as Autoras:

Áurea de Santana Bueno



Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, 2016. Graduanda no Curso de Letras-Libras, Licenciatura – UFMT, Pós-graduanda no Curso de Especialização em Educação Inclusiva – LIBRAS pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - IFMT. Estudante do Curso de Noções Básicas de Interpretação de Libras II pelo Centro de Apoio e Suporte à Inclusão de Educação Especial – CASIES / Centro de Capacitação de Profissionais de Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez – CAS. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPEs e membro do grupo de pesquisa Rebak



Sentidos CAPEs/CNPq. [aureadesantanabueno@gmail.com](mailto:aureadesantanabueno@gmail.com)

ReFaMi



Cristiane Nunes Boabaid Espírito Santo



Graduada em Pedagogia Empresarial pela Universidade de Cuiabá – UNIC, Pós-graduada em Educação Infantil pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Graduanda do Curso de Letras-Libras, Licenciatura – UFMT, Pós-graduanda no Curso de Especialização em Libras e Educação Inclusiva – UAB/UFMT. cursando o 3º semestre do Curso Técnico de Libras pelo Centro de Apoio e Suporte à Inclusão de Educação Especial – CASIES / Centro de Capacitação de Profissionais de Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez – CAS. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Empresária no ramo de Design e Decoração de festas infantis, desde 2008.

[crisnboa@gmail.com](mailto:crisnboa@gmail.com); [cnboa@bol.com.br](mailto:cnboa@bol.com.br)

